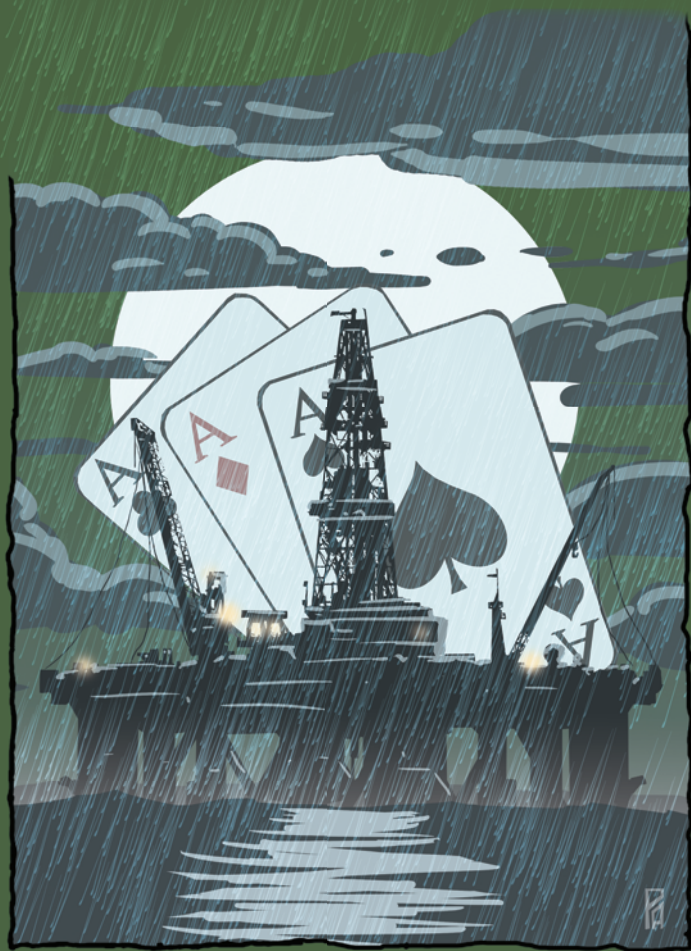


E&P bem humorado

(Histórias vividas, ouvidas e entreouvidas)

A|feu
Valença





E&P bem humorado

(Histórias vividas, ouvidas e entreouvidas)

Alfeu Valença

ndm
E d i t o r a

Rio de Janeiro 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Valença, Alfeu
E & P bem humorado [livro eletrônico] :
(histórias vividas, ouvidas e entreouvidas) /
Alfeu Valença. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :
MDM Editora, 2013.
721 KB ; PDF.

ISBN 978-85-98877-07-5

1. Contos brasileiros I. Título.

13-03232

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

Copyright © MDM Editora, 2013;

Projeto gráfico

Inah de Paula Comunicações

Ilustração

Paulo Roberto Antunes Filho

Revisão

Inah de Paula Comunicações

Editora

MDM Editora Ltda.

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/403

CEP 22050-002 Rio de Janeiro

Ao meu grande mestre Décio Roscoe
(in memoriam)

POR QUE O FIZ?

Nos últimos 45 anos, eu vivi intensamente a indústria de energia, principalmente em atividades de Exploração e Produção de petróleo, no Brasil. Mesmo aposentado, não consegui – ou não quis – me afastar da atividade que me seduziu e me deu sustento. De longe, continuo agora acompanhando e procurando me manter atualizado.

Sem nenhuma preocupação cronológica, coloquei no papel algumas histórias que recolhi ao longo de todo esse tempo. Todas são verdadeiras, mas é claro que sofreram algumas pitadas de enfeites. Não sei se serão publicadas ou se mofarão no fundo de uma gaveta, mas em uns poucos casos por óbvias razões preferi trocar ou omitir o nome real de um ou outro personagem. Na grande maioria das vezes, mantive os nomes verdadeiros, tanto como forma de homenagem, quanto para ajudar na preservação da memória de quem inspirou este autor.

A atuação dos profissionais de E&P, nestas últimas décadas, tem se caracterizado pelo desenvolvimento de uma enorme competência técnica, fruto de um trabalho árduo e sério. Ao lado disso, todavia, as pessoas que ali estão presentes têm conseguido manter o bom humor, mesmo nas horas mais complicadas e difíceis. Foi esse lado pitoresco que tentei resgatar.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2013.

O PRAZER DE EDITAR ESTE LIVRO

O trabalho do editor de uma obra literária envolve duas vertentes clássicas: uma delas é eminentemente técnica, e a outra bem mais desafiadora, ambas em busca de ajustar o projeto do livro ao universo de leitores em potencial. A primeira vertente tem, fundamentalmente, origem nas regras do idioma; a segunda, mais complexa, alinha instrumentos de *design* e grafismos para explorar as expectativas e demandas dos leitores para uma leitura prazerosa.

Alfeu facilita esse trabalho ao editor, pois seus textos são sempre muito bem escritos e a maneira humana, coloquial e bem-humorada com que ele conta os causos já facilita as etapas de concepção e de finalização gráfica. Contando um segredo, este editor também se delicia com as histórias que conjugam realidade e ficção, em uma equação com final sempre surpreendente.

Neste livro, pela primeira vez, Alfeu se assume autor e personagem para alguns dos contos. Em vários momentos, ele identifica com nomes aqueles que o inspiraram a escrever e, como ele mesmo afirmou, há poucos casos para os quais cabe usar pseudônimos. Certamente, muitas pessoas estarão a se lembrar de passagens equivalentes, pois que, como o Alfeu, vivenciaram os anos iniciais da Exploração e Produção de petróleo no Brasil.

Entretanto, eu quero chamar a atenção para uma história em especial, aquela que irá encerrar a viagem por este

“E&P bem-humorado”. Assumidamente, temos um caso real, em que a história vem nos lembrar do conceito popular de que “entre o Céu e a Terra há muito mais que nossa vã filosofia”.

Essa última história do livro reafirma a importância de que cada um de nós desenvolva a sua vida profissional e pessoal, sem soberba ou distinções de classe. Que adotemos a postura de entender e praticar o princípio de que qualquer pessoa tem uma dose peculiar de sabedoria, instinto e sensibilidade...

É exatamente por essa capacidade ímpar de “ser humano”, que Alfeu conquista aqueles à sua volta, ele que está sempre a derramar as cores da alegria e do bom-humor ao seu redor, até em momentos mais críticos e doloridos...

Alfeu, além de editor de seus livros, eu sou seu fã!

Mario Divo

Índice

Estagiário (I)	15
A verdadeira origem da terceirização	17
Carminha	21
João Newton (I)	25
Diplomacia	27
João Newton (II) e Brito (I)	30
Ponto de vista (I)	33
Brito (II)	34
Língua arcaica	37
Natal na PNA-1 (Plataforma de Namorado Nº1)	39
Estagiário (II)	41
Camaradinha	45
Operário padrão (I)	48
Operário padrão (II)	51
Sequestro	53
Pragmatismo	55
O campeão	57
Trogloditas	61
Bom coração	64
Simplória avaliação	66
Metamorfose	68
Cobaia	71
Meuze (I)	75

Meuze (II)	77
O colchão	80
Paródia	82
Muito pior	87
Devedor	90
Superação	92
Cristandade	93
Afogamento	95
Ponto de vista (II)	97
Barreira	99
Percepção	101
Questão de classe	103
O brinde	105
Discriminação	108
Constatação	111
Solidariedade?	113
Mau negócio	115
Casellianas	117
Era o outro	119
Dona de casa	121
Opinião	123
Tudo ou nada	125
Tudo igual	127
Não fez falta	129
Casamento?!!!!	131
Inversão	132
Yo no creo em brujarias, pero...	134

ESTAGIÁRIO (I)

Plataforma de Garoupa. Madrugada fria e chuvosa. Ondas de até oito metros batiam nas pernas da jaqueta, e a água do mar, quase congelada, respingava fortemente no deque inferior.

No conforto do apartamento, sob as cobertas quentinhas, o estagiário dormia tranquilo quando foi acordado, aos gritos, pelo engenheiro Bodanese, chefe da Manutenção.

— Levanta, levanta. Vamos lá. Parece que tem uma trinca na perna boreste, justo no nó do *cellar deck*. Corra, rápido, vai lá confirmar que eu estarei tomando outras providências. — falou o Bodanese, em tom de ordem.

O estagiário, apavorado, rapidamente vestiu o macacão, calçou as botas e começou a procurar a capa-de-chuva, quando o Bodanese explodiu:

— Mas você ainda está aí? Vai correndo, sem capa, sem luva, sem capacete, sem porra nenhuma. Isto é uma emergência, meu filho. Vai lá, vai.

O jovem engenheiro não escutou mais nada. Saiu do alojamento e, mesmo recebendo uma rajada de chuva na cara, começou a descer as escadas, primeiro de degrau em degrau e, depois, de dois em dois.

Alguns minutos se passaram, até que o estagiário entrou na sala de controle, onde estavam o Bodanese e os outros engenheiros da plataforma. Ainda na porta, o rapaz tirou as botas encharcadas e, completamente molhado, tiritando de frio, aproximou-se do grupo.

— Chefe, era verdade. Achei a trinca. Agora eu quero mesmo é descobrir quem foi o filho da puta que colocou ela lá! — concluiu estendendo a mão direita.

Nela, bastante visíveis, estavam três cartas de baralho. Três ases.

A VERDADEIRA ORIGEM DA TERCEIRIZAÇÃO

Naquela tarde, o engenheiro Sérgio resolveu atravessar o rio que cruza o campo de Carmópolis, em Sergipe, para inspecionar os poços de petróleo que ficavam na fazenda de seu Toinho Capador. O apelido do fazendeiro era plenamente justificado, pois, no passado, ele havia mutilado um empregado que ousou se engraçar com a sua única filha, candidata natural a morrer mais virgem do que nasceu.

Baixo, muito forte e ruivo, o engenheiro falava alto e grosso. Autoritário, aos gritos impunha medo a todos os seus subordinados e intimidava os seus superiores, dos quais não costumava acatar ordens. Fazendo-se acompanhar por Ruy, experiente capataz de produção,

e dirigindo um fusquinha cinza com a logomarca da companhia estampada nas portas, iniciou a inspeção dos poços, todos equipados com cavalos-de-pau. Poço a poço, eram verificadas as correias de transmissão, o nível do combustível dos motores, o número de cursos por minuto, a limpeza das áreas e vários outros itens.

Ao chegar à última locação, ele pode ver que o cavalo-de-pau estava paralisado e, em consequência, o poço ficava sem produzir. Antes de descer do carro, já observou que o motor estava parado. E quando examinou mais de perto, verificou que as correias tinham sido cortadas, em um típico ato de sabotagem. Fora de si, o engenheiro, aos berros, ordenava ao capataz:

— Vá anotando tudo: sigla do poço, especificação da unidade de bombeio e do motor, horário, nome do bombeador responsável por esta área. Isto não vai ficar assim! Eu vou lascar o cara que fez isso. Eu vou...

— O senhor vai fazer o quê? Que brabeza é essa? — gritou o Toinho Capador do alto do seu cavalo, achegando acompanhado de dois capangas com enormes facões pendurados nas cinturas.

Apesar da surpresa, Sérgio não se intimidou:

— E quem é o senhor pra falar assim com um engenheiro da Petrobras? O senhor sabe o tamanho do prejuízo que o Brasil está tendo com este poço parado? Nós vamos ter

que importar um volume de petróleo equivalente, pagar com dólares, gastando divisas, alimentando a inflação. O senhor sabe disso? — falou o raivoso engenheiro em tom de desafio.

— E eu quero lá saber de dólar, de divisa, de inflação? O que eu sei é que, desde ontem, já morreram duas vacas minhas, as duas mais leiteiras, com as cabeças esmagadas por essa geringonça que fica aí subindo e descendo, faça chuva ou faça sol. Fui eu mesmo que cortei essas correias pra fazer parar essa máquina assassina.

A essa altura, Sérgio e Ruy perceberam que a conversa começava a ficar perigosa... E o Toinho Capador continuava em alto e bom som.

— Cortei as correias com esta faca aqui, que é pequena, mas é amolada que nem uma navalha de barbeiro bom. E é com ela que eu vou capar o engenheiro da Petrobras responsável por tudo isso aqui. O senhor é engenheiro, não é?

Ao perceber com quem estava falando, Sérgio baixou o tom de voz e, humildemente, quase se ajoelhando, sussurrou:

— O senhor está enganado. O engenheiro de quem eu falei é ele — acabou de falar e já foi apontando para o Ruy com o indicador em riste...

— E o senhor, tão brabo e tão falante, é o quê? —
perguntou o Capador.

— Eu? Eu sou só Serginho, um simples braçal. E um
braçal contratado!

CARMINHA

— Ele agora passou dos limites! — disse o engenheiro Carlos Eugênio Barbosa, coordenador da Comissão de Disciplina do campo petrolífero de Carmópolis, em Sergipe.

Aquela era a impressão de todos os membros da Comissão, após lerem a carta recebida pelo chefe do campo. Tal carta fora redigida por dona Carmem, viúva que tirava o sustento dela e da sua única filha, Carminha, fornecendo almoço aos empregados da Petrobras que trabalhavam na região. Para tanto, ela ampliara a sala da sua casa e exercia a função de cozinheira. A menina trabalhava como garçõete.

No verdor dos seus dezesseis anos, Carminha era muito bonita e sabia disso. Com um corpo esguio, lábios grossos, grandes e profundos olhos negros, enquanto servia a comida aos homens famintos e suados, ela, sabendo-se desejada, gostava de provocá-los. Usava saias muito curtas e blusas finas, que permitiam vislumbrar suas coxas carnudas e os seios grandes, firmes e pontudos. A mãe, da cozinha, ficava olhando, cuidando da cobiçada virgindade.

— Volta, menina! Acabou de servir, volta pra cozinha.
— dona Carmem chamava a filha em voz alta, para que todos os presentes soubessem que ela estava atenta.

Na carta, dona Carmem acusava o supervisor de produção, Juvenal, de ter deflorado a sua filha e exigia providências da Petrobras, para que o sedutor remediasse o seu feito, fosse através de um casamento, que ela sabia ser difícil, fosse através de uma indenização pecuniária.

Juvenal era um velho conhecido daquela Comissão de Disciplina do campo de Carmópolis. Inteligente e carismático, profissionalmente muito competente, mantinha indiscutível liderança sobre os seus subordinados. Mulato elegante, bem vestido, quase bonito, vaidoso, mantinha o cabelo sempre penteado graças a enormes porções de brilhantina. Dono de uma conversa simpática e envolvente, com muita frequência estava se metendo em enrascadas com mulheres casadas, já tendo escapado de alguns tiros desferidos por cornos

não mansos.

— Desta vez, ele se envolveu com uma menor e não pode ficar impune! — assim decretou o coordenador. E continuou com a sua sentença.

— Todavia, apesar dos seus antecedentes, vamos convocá-lo para prestar depoimento. Por dever de justiça, nós temos que ouvir a sua versão.

Chamado a depor, Juvenal passou a explicar a sua versão para o caso.

— Eu não vou mentir para os senhores, até porque todos aqui me conhecem e sabem que eu posso ter muitos defeitos, e até que eu tenho mesmo, mas mentiroso eu não sou. A Carminha, os senhores conhecem, é novinha de idade, mas tem um corpão de mulher e uma cabecinha muito safadinha. Basta lembrar as roupas provocantes que ela usa e os olhares maliciosos que ela dirige aos comensais.

Os membros da Comissão de Disciplina trocavam olhares, esperando pelo que ainda iriam ouvir como descrição daquela menina mais do que sedutora. E Juvenal continuou o seu depoimento.

— Pois bem, naquele dia, eu cheguei para almoçar quase no fim do horário. A sala estava vazia e dona Carmem, aproveitando o pouco movimento, tinha ido visitar uma irmã doente. Mal eu me sentei, e a danada da menina

se achegou bonita e cheirosa como nunca. Estava irresistível! Quando eu, como de costume, perguntei:

— O que temos para comer hoje?

Ela não se fez de rogada. Pulou no meu colo, enlaçou o meu pescoço, arranhou minhas costas, mordeu minha orelha e me tascou um violento beijo de língua. E só então, respondeu, cheia de dengo: — Eu!

Juvenal respirou fundo e, abrindo os braços, concluiu:

— Daí, meus senhores...

JOÃO NEWTON (I)

Inteligente, intelectual e espirituoso, aquele matuto de Araripina nunca perdeu a chance de aplicar uma gozação em alguém ou fazer humor, mesmo que negro, sem livrar a cara de amigos, colegas ou parentes.

Quando era chefe do Setor de Óleo do campo de Carmópolis, logo após o almoço, o engenheiro João Newton foi procurado pelo seu melhor subordinado, um capataz de Produção. Um tanto tímido, o rapaz entrou no escritório e postou-se de pé, em frente à mesa do chefe.

Rodando o capacete entre as mãos, com a voz denunciando uma inusitada emoção, ele falou:

— Desculpe dr. João, mas eu estava precisando que o senhor me liberasse agora.

— Estava precisando? Então eu posso entender que não precisa mais. — retrucou o chefe.

O suplicante segurou o capacete apenas com uma das mãos e com os dedos da outra começou a coçar os cabelos crespos e suados. Pigarreou e disse:

— Não doutor, eu preciso ser liberado, porque a minha mulher acabou de ir pra maternidade. Vai ser meu primeiro filho.

— Você não é parteiro. Vai fazer o que lá? — respondeu João Newton, com o ar mais sério do mundo.

Diante do capataz apalermado, já sorrindo, ele prosseguiu:

— Vai, meu amigo, vai. Mas pede para alguém ir dirigindo, que você não está em condições. E eu não quero ser padrinho de nenhum órfão.

DIPLOMACIA

João de Deus era um antigo encarregado de Sonda de produção terrestre, em Sergipe. Trabalhando com o chamado “ouro negro” desde os tempos do extinto Conselho Nacional do Petróleo, ele tinha dedicado toda a sua vida à Petrobras e era dela um ardoroso defensor. Lamentava não ter estudado para ser engenheiro e vivia incutindo na cabeça do seu irmão mais novo as maravilhas do seu trabalho e a importância de ser empregado da companhia estatal.

Tanto falou, tanto insistiu, que o rapaz prestou concurso para auxiliar de Produção, tão logo atingiu a maioridade. Inteligente, aliando a sua perspicácia e observação aos ensinamentos práticos ministrados pelo experiente João

de Deus, o novo contratado logo se sobressaiu na turma, pois, em menos de dois anos, foi indicado para fazer o curso de capataz, em Catu, na Bahia.

Um dia, pouco antes do final do expediente administrativo do campo de Carmópolis, o chefe do escritório, Francisco, procurou o engenheiro Lácio, chefe do Campo.

— Dr. Lácio, eu não sei como fazer, mas recebi agorinha mesmo um telex, informando que o irmão do João de Deus morreu em um acidente de carro, lá pras bandas do campo de Taquipe. Precisamos avisar na SPT-33, mas eu não tenho jeito nem coragem pra dar uma notícia dessas. O que devo fazer?

O engenheiro Lácio pensou um pouco e perguntou:

— Francisco, o Barretão está trabalhando ou está de folga?

— Está trabalhando, doutor. Por quê? — respondeu e perguntou, em um só fôlego, o assustado Francisco.

— Eu acho o Barretão um rapaz muito educado, maneiroso, que fala baixo e pausadamente. Pensei se ele não seria a pessoa certa para informar ao João sobre o acidente, o que é que você acha? — continuou Lácio.

— Perfeito, perfeito! Como é que eu não me lembrei do Barretão? É por isso que o senhor é o chefe! Com essa expressão, Francisco aproveitou para dar uma puxadinha de saco... E emendou:

— Mesmo sem muita instrução, o Barreto, no meio dessa turma rude que trabalha aqui, neste serviço pesado do campo, é um verdadeiro diplomata. Pode deixar que eu vou mandar ele informar do infortúnio e vou instruí-lo para tentar consolar o irmão.

Decisão tomada e expediente encerrado, Lácio entrou no fusquinha e voltou para Aracaju, pensando em tomar umas cervejinhas no Cacique, então o bar da moda, e esqueceu o assunto.

No dia seguinte, ao chegar ao escritório, foi que ele ficou sabendo da confusão armada na véspera. O “diplomata” Barretão encontrara João de Deus no pé da sonda e fora logo dizendo:

— Olha aí, João. O doutor Lácio mandou eu lhe avisar que o seu irmão se lascou.

— O que, o que foi que você disse? — perguntou surpreso o encarregado.

E o Barretão, contrariando a percepção do chefe do Campo, lascou:

— É isso mesmo que você ouviu. Seu irmão se lascou. Ele sofreu um acidente de carro, na Bahia, e se fodeu. Bateu as botas na hora.

A resposta do encarregado veio na forma de um murro, que deixou Barretão caído no chão e encerrou definitivamente a sua incipiente carreira diplomática.

JOÃO NEWTON (II) E BRITO (I)

José Brito de Oliveira, ou simplesmente Brito, brilhante engenheiro de processo, chegou a exercer o cargo de diretor da Petrobras. Na época desta história, ele trabalhava na Bacia de Campos, lotado na RPSE-Região de Produção do Sudeste, na cidade de Macaé, onde era responsável pela pré-operação de todas as plataformas fixas dos campos marítimos de Garoupa, Cherne, Namorado, Enchova e Pampo.

Após o início da operação de todas as plataformas, ele foi convidado para trabalhar na Divisão de Gás, do antigo DEPRO - Departamento de Produção, na sede da companhia, no Rio de Janeiro. Mesmo sabendo que seria uma perda para a sua unidade operacional,

o engenheiro João Newton, então superintendente-adjunto de Produção da Bacia de Campos, em reconhecimento ao excelente trabalho desenvolvido por Brito, bem como pelo excelente caráter do mesmo, concordou com a transferência.

Poucos dias depois, ao final do seu último expediente de trabalho, em Macaé, Brito procurou o chefe para se despedir. Muito educadamente, agradeceu pela facilitação da transferência e externou a sua satisfação por ter participado da equipe da RPSE, aonde, segundo ele, aprendera tudo sobre a atividade de produção *offshore* e da qual jamais esqueceria. Estava ele, em tom de quase discurso, tecendo loas ao seu antigo ambiente de trabalho, quando foi interrompido por João Newton:

— Brito, por favor, antes de qualquer coisa, leia esta minuta de circular que pretendo divulgar amanhã.

Brito pegou o papel, leu e devolveu ao interlocutor, afirmando:

— Entendi tudo. Está tudo muito claro. Os novos procedimentos para o embarque do pessoal estão bem redigidos e bastante compreensíveis. Pode divulgar sem sustos.

— Tem certeza, Brito? Você realmente entendeu tudo? Tudo mesmo? — insistiu João Newton.

— Entendi, chefia, entendi. Não tenha receio, pode divulgar.

E o João Newton, implacável, concluiu:

— OK, Brito. Vou divulgar. Se você entendeu, não tenho mais dúvidas de que qualquer um entenderá.

PONTO DE VISTA (I)

E aquele geólogo, bem moreno, que, voltando da África do Sul, no auge do *apartheid*, jactou-se para os colegas:

— Mulato coisa nenhuma! Eu sou é branco. Comprovado! Na Cidade do Cabo, eu entrei no banheiro dos brancos e ninguém reclamou. Qual de vocês tem um atestado de brancura igual a esse?

BRITO (II)

Viagem para estagiar em plataformas no mar do Norte, na Noruega, com escala na charmosa capital da França. Durante o voo Rio – Paris, Brito não dormiu um só instante. De posse de um livrinho de *Francês sem mestre*, comprado no aeroporto do Galeão, ele passou toda a noite lendo e relendo. Vez ou outra, ele me dizia estar começando a lembrar de tudo que aprendera da língua francesa, durante as aulas do curso ginásial.

Chegamos enfim a Paris. No final da tarde, após deixar as malas no hotel, resolvemos dar umas voltas para esticar as pernas, cansadas da longa viagem, e fazer o nosso primeiro contato com a Champs-Élysées, que ficava ali pertinho. Depois de algum tempo, a noite foi chegando e

trouxe com ela um vento frio, fazendo a temperatura cair para quase dois graus.

Prevenido, tirei do bolso e calcei um par de luvas, o que estimulou o Brito a entrar na primeira loja para comprar igual peça de vestuário. Já dentro do estabelecimento, ele se dirigiu a um tabuleiro cheio de luvas, examinou algumas, escolheu uma e perguntou:

— Que tal esta aqui? O preço até que está bom.

Uma vendedora que nos acompanhava, escutou a pergunta e falou:

— Senhor, estas luvas são femininas. As luvas masculinas estão expostas naquele tabuleiro. — e apontou para o outro extremo da loja.

— Merci! — respondeu o Brito. E rapidamente, começou a caminhar no sentido indicado pela moça.

Após alguns passos, ele parou, colocou a mão na testa, dizendo:

— Olha aí. Você ficou dizendo que o meu estudo no avião seria inútil e que era melhor dormir para chegar descansado. Você estava errado. A vendedora falou sobre as luvas e somente agora eu me dei conta que entendi tudo o que ela falou. Viu como valeu a pena? O meu francês está ótimo!

— Meu caro Brito, você está mesmo muito empolgado. Lamento informá-lo que, se você parar um minuto e

pensar um pouquinho, logo vai se dar conta de que a moça falou em alto e bom português. E, pelo sotaque, eu arriscaria dizer que ela é lisboeta.

LÍNGUA ARCAICA

Após poucos dias de aulas do curso de engenharia de produção de óleo e gás no SEN-BA, o então professor Raul Mosmann marcou a primeira prova de geologia. A maioria dos alunos, recém-formados em engenharia mecânica, civil ou elétrica, não tinha nenhuma familiaridade com a matéria, com a exceção, que ela sempre justifica a regra, de dois alunos advindos do curso de Engenharia de Minas, com um bom conhecimento do assunto: Adão Benvindo da Luz e eu próprio. Assim, apesar do pouco tempo de convivência, a maioria dos colegas nos procurava para tirar as dúvidas que apareciam.

Marcada a prova, a turma resolveu estudar na própria biblioteca do SEN-BA, onde existiam vários exemplares

de livros especializados, a maioria em inglês e em espanhol. Absortos nos estudos, dentro do silêncio esperado em tal lugar, toda a turma pôde ouvir, quando Péricles, um dos poucos baianos da turma, simpático e extrovertido, chamou:

— Adão, Alfeu, por favor, vocês poderiam dar um pulinho até aqui? Peguei um livro escrito em um espanhol antigo e não estou entendendo nada. Será que vocês poderiam quebrar meu galho?

Prontamente, atendemos ao pedido do colega e nos acercamos da mesa onde o suplicante estava estudando. Examinamos o livro e, sem conseguir esconder o sorriso, Adão esclareceu:

— Neste livro, Péricles, eu também não estou entendendo nada. Não é espanhol antigo, não. É o mais puro e moderno italiano.

NATAL NA PNA-1 (Plataforma de Namorado Nº 1)

Como em todas as plataformas da Bacia de Campos, a vestimenta oficial era composta por botas pretas e macacões alaranjados, ou amarelados, ou cor de abóbora, sei lá eu que cor horrorosa era aquela. O fato é que a vestimenta fornecida pela empresa era de cor berrante e de tecido grosso e duradouro. As dimensões dos macacões eram padronizadas, exigindo que os empregados altos ou baixos, gordos ou magros se adequassem aos tamanhos existentes, gerando um grupo uniformemente deselegante.

Um determinado engenheiro de produção, recém-chegado do curso de formação, gastou todo o tempo do seu primeiro embarque, na PNA-1, reclamando

das roupas utilizadas e, entremeando com trejeitos e desmunhecadas, fazia caras e bocas, afirmando que não se submeteria a usar aquela coisa horrenda. Dito e feito. Já no segundo embarque, o engenheiro se apresentou com um macacão da mesma cor daqueles usados pelos companheiros, mas feito sob medida e... de seda importada.

A partir daquela data, sob veementes protestos dos demais empregados nela lotados, a plataforma passou a ser conhecida por PNA-Gay, e a gozação atingiu o máximo, quando, em uma noite de Natal, espalhou-se a notícia de que o Papai Noel havia pousado o seu trenó na indigitada plataforma, em busca de auxílio. É que, dizia-se então, uma rena adoeceu e o bom velhinho foi obrigado a substituí-la por um veadinho.

ESTAGIÁRIO (II)

Djacir era engenheiro de completção de poços terrestres em Alagoas, mais precisamente na cidade de São Miguel dos Campos. Calmo, muito educado, didático e perfeccionista, foi escolhido pelo chefe, engenheiro Décio Roscoe, para orientar e supervisionar o estágio do engenheiro-estagiário Gaspar, em terras alagoanas.

No estágio já realizado em Sergipe, Gaspar tinha revelado ser muito interessado, organizado e disciplinado, deixando Décio tranquilo quanto à nova etapa, em Alagoas. Mesmo assim, para evitar surpresas, e antes da despedida, Décio teve o cuidado de alertá-lo para a personalidade afável de Djacir, lembrando, todavia, do seu perfeccionismo.

Apenas três dias se passaram, e Décio, ao chegar ao escritório, em Carmópolis, deparou-se com Gaspar sentado em frente a sua mesa.

— Oi, rapaz, o que você está fazendo aqui? Você não deveria estar em São Miguel dos Campos, estagiando com Djacir?

— Deveria, deveria. Mas eu estou aqui para pedir o meu retorno para cá. Ou isto, ou minha demissão. — falou Gaspar em tom firme.

— Mas o que houve? — perguntou Décio, sem esconder a surpresa.

— O negócio foi que quando cheguei na sonda e me apresentei ao Djacir, por volta de quatro horas da tarde, ele disse que iria iniciar uma operação de *squeeze*, para corrigir uma cimentação mal feita, e que depois falaria comigo e daria instruções. Dito e feito. Tão logo terminou a operação ele me chamou para conversar, junto da bomba de lama, e foi logo dizendo que eu iria fazer um trabalho muito importante para a segurança do poço e do pessoal encarregado da operação da sonda. — e os olhos de Gaspar nem piscavam...

— Djacir explicou que, após o *squeeze*, o poço ficaria fechado por 12 horas, aguardando a solidificação da pasta de cimento...

— Aguardando o tempo de “pega”. — interrompeu Décio.

— Isso, foi essa palavra mesmo que ele usou. Acrescentou que, durante aquele tempo, ele e a equipe da sonda iriam jantar e descansar no acampamento. A minha missão seria ficar durante toda a noite observando e anotando, de dez em dez minutos, a pressão no manômetro da bomba, que ele mostrou estar marcando 350 libras. — confirmou Gaspar.

— É mais correto usar psi ao invés de libras. — corrigiu Décio.

— Pois bem, 350 psi. Ele explicou que toda a segurança do poço estava em minhas mãos. Que o poço estava fechado, mas era preciso não haver nenhuma variação de pressão. Caso isso ocorresse, a situação poderia ficar perigosa, e o poço poderia explodir. Pediu para que, caso eu observasse qualquer movimento na agulha do manômetro, ligasse o rádio SSB e o chamasse no acampamento. Antes de se despedir, o Djacir ainda alertou, mais de uma vez, da importância da missão e que eu não poderia dormir de jeito nenhum; as anotações a cada dez minutos eram da maior importância.

Décio era todo ouvidos e expectativas de como aquela história iria terminar.

— Peguei papel e lápis, sentei na bomba e fiquei a noite inteirinha fazendo o que ele me pedira. Aguentei um frio de lascar, fiz xixi ali mesmo, sofri um sono danado, tive fome e sede, briguei com as nuvens de muriçocas e maruins, mas cumpri a minha tarefa. De manhãzinha,

a equipe chegou, e o encarregado perguntou o que eu estava fazendo ali tão cedo e com o rosto todo picado.

À medida que falava, a expressão de Gaspar ia se tornando mais grave e revoltada, como que a antecipar a conclusão dessa história de um estagiário.

— Expliquei as instruções do chefe, e o encarregado, sorrindo, comentou que Djacir continuava o mesmo, adorando testar a fibra e a obediência de estagiários. Aquele manômetro marcando 350 psi, acrescentou, estava quebrado há mais de uma semana e nem a pressão da erupção de um vulcão seria capaz de movimentar a sua agulha. E, além disso, prosseguiu explicando que, com o poço fechado, mesmo que o aparelho estivesse em bom estado, jamais mediria qualquer pressão na bomba de lama.

Décio segurava a risada para não deixar o seu empregado ainda mais ofendido. E foi então que ouviu uma proposta para lá de interessante.

— Agora, dr. Décio, agora que o senhor sabe de tudo, agora o senhor decide: o senhor concorda que eu fique aqui em Sergipe ou quer que eu peça demissão? Ou prefere que eu volte pra Alagoas e dê um tiro no filho da puta do Djacir?

CAMARADINHA

Cheio de ginga, metido a esperto e com sotaque e gírias de malandro carioca, Luiz Camaradinha ganhou o sobrenome, tão logo chegou em Carmópolis, devido ao tratamento com que se comunicava com os colegas. Eram tantos “meu camaradinha” pra cá e “meu camaradinha pra lá”, que o apelido chegou tão naturalmente, que ficou impossível identificar o seu autor.

Apesar de brincalhão, ele poderia ser classificado como um típico carreirista, não perdendo nunca qualquer oportunidade de agradar os chefes lotados no campo. E no dia em que o engenheiro Lécio anunciou que, na semana seguinte, receberíamos a visita do dr. Nivaldo, chefe da DIRPRO – Divisão de Produção, que viria da

sede, em Aracaju, o Camaradinha ficou excitadíssimo, pois seria seu primeiro contato com um chefe de escalão mais elevado.

Logo começou a fazer perguntas sobre o Nivaldo: Como ele era? De onde ele era? De que ele gostava? Aonde ele tinha estudado? Somente sossegou o facho, quando soube tudo o que queria saber, inclusive que o chefe era alagoano, formado em engenharia civil em Pernambuco, tinha muito orgulho de suas origens e falava com forte sotaque nordestino. Essas últimas informações talvez tenham sido motivadoras da maior gargalhada conjunta até hoje registrada no refeitório dos técnicos, em Carmópolis.

No dia marcado, o engenheiro Lácio passou toda a manhã com o chefe percorrendo o campo. O encontro com os engenheiros seria realizado no refeitório, na hora do almoço. Com efeito, no horário apazado, os dois chegaram, e Nivaldo, sempre muito atencioso, foi cumprimentando um a um, alguns já conhecidos, outros não.

Quando chegou a vez do Camaradinha, Nivaldo falou:

— Você eu não conheci ainda. Aonde trabalha?

O puxa-saco não resistiu e, querendo agradar, foi logo dizendo que estava há bem pouco em tempo em Carmópolis, pois havia ficado muitos meses em Alagoas – de onde gostara muito, bajulou -, trabalhando no poço

CSMC-3-AL (Cidade de São Miguel dos Campos, número 3, Alagoas).

— Não entendi direito. Qual foi mesmo o poço que você disse? — perguntou Nivaldo.

E o Camaradinha, ainda com fortíssimo sotaque carioca, mas querendo agradar o chefe nordestino, lascou:

— No poço Cê-sí-mê-cê-três-alê.

OPERÁRIO PADRÃO (I)

Em certa época, no período da ditadura, as eleições do Operário-Padrão nacional, estadual ou mesmo municipal, foram muito estimuladas e, realmente, motivavam pessoas e empresas. Naquele ano, em Aracaju, na então RPNE - Região de Produção do Nordeste, o Superintendente José Marques Neto resolveu que a Petrobras participaria do certame e, como ele dizia, iria para vencer na capital e no estado de Sergipe.

— Quem sabe, poderia vencer nacionalmente? Seria muito bom para o conceito daquela unidade operacional.

— comentava o superintendente em voz baixa.

Organizada a eleição, apareceram inúmeros candidatos.

O regulamento, elaborado pela comissão organizadora, previa um segundo turno com os dois candidatos mais votados. Após uma votação maciça, quase sem abstenções, mostrando que a iniciativa do superintendente fora bastante motivadora, estavam escolhidos dois auxiliares de Produção: Geraldo Soares e Pedro Luiz de Souza.

O resultado parcial da eleição foi anunciado no auditório, com pompa e circunstância, com a presença de todas as chefias e grande número de convidados. Na saída, Marques Neto esbarrou em Garcez, veterano supervisor de Produção que gozava de toda a sua confiança, e perguntou:

— E aí, Garcez, gostou da escolha do Pedro e do Geraldo? Nunca pensei que o pessoal levasse essa eleição tão a sério. E aí, homem, o que é que você me diz?

— Sei não, dr. Marques, eu não sei não, mas eu acho que a turma não levou tão a sério quanto o senhor está pensando. — divagou o supervisor.

— Mas, por que, homem de Deus, por que você pensa assim? Você não viu que abstenção foi menor que dois por cento?

— Lá isso é verdade, mas é que o senhor não deve saber os apelidos dos dois mais votados. Se o senhor soubesse, era capaz de...

— Não, não sei. — interrompeu o superintendente. Quais são os apelidos dos nossos vencedores? — perguntou

Marques Neto, demonstrando curiosidade.

E Garcez, meio sem jeito, balbuciou:

— Pedro Perdido e Geraldo Nada Faz.

OPERÁRIO PADRÃO (II)

Realmente, a eleição do Operário-Padrão da RPNE – Região de Produção do Nordeste, apesar do enorme esforço da administração, parece que nunca foi levada muito a sério pelos empregados. Mané Soldador foi escolhido como o Operário-Padrão do campo de Siririzinho, depois do Distrito de Sergipe e, em seguida, foi eleito o melhor operário de toda a RPNE.

Na continuidade da disputa, ele ganhou o concurso estadual, tornando-se o Operário-Padrão do estado de Sergipe. E foi representando aquele estado que o homem classificou-se em segundo lugar, em Brasília, na disputa do certame nacional.

A notícia do seu atropelamento, em Carmópolis, logo que retornou de Brasília e após receber homenagens no palácio do governo estadual e na superintendência da RPNE, em Maceió, deixou o seu chefe imediato, engenheiro Ubiratan, muito chocado:

— Mas ele está bem, não está? — perguntou um aflito Ubiratan ao capataz Ronaldo Risadinha.

Diante da resposta positiva, ele continuou:

— Sim, e como foi o acidente? Vá, me diga como foi.

— O sol estava muito quente, e ele parou o caminhão com a máquina de solda na sombra de um bambuzal. Deitou embaixo do caminhão e tirou uma soneca. O caminhão deslocou-se sozinho, e o nosso querido e exemplar Operário-Padrão foi atropelado. — respondeu o Risadinha.

— Coitado, com certeza o coitado foi descansar um pouco no horário do almoço...

— Não, doutor, não foi na hora do almoço, não! Eram quase 10 horas da manhã. Bem no meio do expediente, dedurou o informante, sem conseguir disfarçar um leve e malicioso sorriso.

SEQUESTRO

Dimas José Dultra Simões, geólogo de grande competência e comprovado bom humor, estava indo trabalhar em Bogotá, no auge dos movimentos guerrilheiros que assolavam a Colômbia. Durante a festa de despedida, aproveitei um momento a sós para externar a minha preocupação:

— E aí, velho Dimas, estás satisfeito? Confesso que se fosse comigo eu estaria bastante apreensivo.

— Mas apreensivo com o que, meu amigo?

— Ora, Dimas, apreensivo com toda essa violência na Colômbia. Com o tráfico de drogas, guerrilha, sei lá. Você não tem receio de vir a ser sequestrado? Afinal, para

os guerrilheiros das FARC, você será um alto executivo de uma grande multinacional, é ou não é? — perguntei esperando a confirmação de minha tese.

E ele, espirituoso como sempre, encerrou o papo:

— Olha, Alfeu, o único receio que eu tenho de um sequestro é o de descobrir que a minha família está pechinchando o valor do resgate.

PRAGMATISMO

Carlos Antonio Cavalcanti de Albuquerque, mais conhecido por Cacá, engenheiro de produção na RPNE, ficou famoso por ser exímio motorista e por transformar os fusquinhas da Petrobras em bólidos de Fórmula 1. Irreverente, ele ficou pouco tempo trabalhando na empresa, por não aceitar as rígidas regras disciplinares vigentes no campo de Carmópolis.

Certa feita, ele ia de Aracaju para São Miguel dos Campos, como de costume, desenvolvendo enorme velocidade, quando foi mandado parar por uma patrulha da polícia rodoviária.

— O senhor vinha a mais de 130 km/hora, não vinha? — disse o guarda para o Cacá.

— Não sei, não, seu guarda. Eu não costumo olhar pro velocímetro. Eu dirijo escutando o barulho do motor e sentindo a estabilidade do carro.

— Deixe de lero-lero. Eu tenho aqui o aviso do radar e vou multá-lo por excesso de velocidade.

— Mas o senhor vai multar mesmo? — perguntou ele ao guarda;

— Vou sim, por quê? — respondeu o guarda se sentindo desafiado.

— Então pode dobrar o valor da multa.

Uma expressão de surpresa é o mínimo que se pode dizer sobre a reação do policial.

— É que eu vou voltar na mesma velocidade, e aí o senhor não vai precisar me parar novamente.

O CAMPEÃO

Quem não teve a oportunidade de conviver com Edmar Carvalho Alves Branco, autoapelidado como Edmar Campeão, não pôde usufruir da personalidade simplória, sincera, agradável, bem-humorada e, sobretudo, profundamente otimista e festeira daquele competente engenheiro de completação de poços.

Ainda em Catu, no início da carreira, já se autoproclamava “o Campeão”. Fazia favores espontaneamente, dizendo: “Deixa comigo, o Campeão aqui vai *quebrar o teu galho*”. Contava histórias de sucessos pessoais do mesmo modo: “*E aí o Campeão entrou na jogada e resolveu a parada*”.

Em 1975, e durante três meses, eu tive a sorte de conviver com ele, diariamente, dividindo quartos de hotel para economizar as diárias apertadas, na Louisiana e no Texas. Fizemos inúmeras visitas a fábricas de equipamentos de completação de poços, a firmas de engenharia de petróleo, passamos quase três semanas embarcados em plataformas no Golfo do México e, por fim, fizemos o curso Offshore Operations, ministrado pela Universidade do Texas, na pequena cidade de Baytown, próxima a Houston.

Em todos os lugares por onde passamos, a extroversão e a capacidade de fazer amizades de Edmar se fez sentir, mas aonde ele mais exerceu o seu fascínio pessoal foi em Baytown. O curso tinha cerca de quarenta alunos originários de todas as partes do mundo: espanhóis, coreanos, ingleses, noruegueses, indonésios, malaaios, mexicanos, indianos, alguns poucos americanos e, eu e ele, os dois únicos brasileiros.

A cidade era muito pequena, e ficamos, todos os alunos, hospedados no único hotel da região, muito próximo da universidade. Diariamente, após as aulas, todos nós voltávamos para o lá, onde, no bar, ocorria a única *happy hour* da região, frequentada por todas as moças e rapazes do lugar.

Decorridos alguns dias, Edmar tinha se enturmado com o pessoal da Noruega e já era familiarmente conhecido como *The Champion*. Ele disputava com os gringos os

encantos de Beth, a única moça realmente bonita que frequentava o local. E sabendo-se disputada, Beth jogava charme para todos, alimentava conversas e esperanças, mas sempre dava um jeito de fugir do assédio e voltar para casa sozinha.

Uma noite, já nos últimos dias do curso, sob o olhar invejoso dos grandalhões da Noruega, o Campeão se sentou à mesa de Beth e iniciou uma conversa cheia de sussurros. Após alguns drinques, cochichos e sorrisos de cumplicidade, ela levantou-se e, puxando-o pela mão, levou-o até o estacionamento. Os “vikings”, estupefatos, através da vidraça, viram quando ela entregou a chave do carro ao Edmar e sentou-se no banco do carona. Cantando os pneus, *The Champion* acelerou até desaparecer na primeira esquina.

No dia seguinte, ao chegar à sala de aula, o brasileiro foi cercado por todos os alunos que, embevecidos com a performance do *latim lover*, formularam a mesma pergunta em vários sotaques e simultaneamente:

— *Please, Champion, tell us. What happened last night?*

Foi então que ele olhou para o alto, suspirou e, como se estivesse no calçadão de Copacabana, mandou ver na gíria:

— *Nothing. I broke my face.*

Os noruegueses, intrigados com a carioquice da resposta, somente conseguiram ver no rosto do *The Champion* a

lisura da barba recém-feita. Nenhuma marca, nenhuma cicatriz. Já os indianos juram, até hoje, que ele falava de alguma posição amorosa existente em algum tipo de *kama-sutra* brasileiro.

TROGLODITAS

Quando, como engenheiro-estagiário, cheguei ao campo de Carmópolis, conheci a pessoa que mais influência exerceu sobre a minha formação técnica e moral. Com efeito, foi um privilégio para mim e, creio, para toda uma geração que trabalhou sob a sua chefia, ou conviveu de algum modo com aquela personalidade incrivelmente rica de cultura, de princípios e valores.

Niilista, ateu, filósofo, cultura profunda e diversificada, sarcástico, Décio Roscoe – este era o seu nome - não tinha a menor vaidade. Simples no trajar, barba sempre por fazer, carro com a pintura queimada de sol e empoeirado, ele exercia uma liderança legítima e um fascínio extraordinário sobre os seus comandados.

Gostava de se reunir com os engenheiros mais jovens, em mesas de bar para, após beberem algumas cubas-líres, provocar discussões acerca dos problemas do trabalho, fossem técnicos ou administrativos. Naqueles encontros, os mais jovens perdiam as inibições e se permitiam tecer críticas e propor sugestões que, durante o horário normal de trabalho, jamais teriam a coragem necessária para fazê-lo.

Décio ouvia, contestava, arguia, questionava, negava, concordava e sempre terminava a bebedeira com alguma resolução que implementava no dia seguinte. Inúmeras vezes, ele deixou o conforto do seu lar para substituir algum subordinado de plantão, no campo, durante a noite, ao saber que aquela era a data de aniversário de casamento ou de aniversário da mulher ou do filho do plantonista. Outra tantas vezes, fez o mesmo embarcando em plataformas marítimas, substituindo ou ajudando os engenheiros fiscais surpresos e agradecidos com a magnanimidade do chefe.

Ao lado de tudo isso, Décio era bastante espirituoso. Quem não se lembra de quando, após inúteis tentativas de fazer funcionar um equipamento moderníssimo, cheio de eletrônica, ele, irritado, jogou a peça no chão e ensinou:

— A única ferramenta realmente racional em um campo de petróleo é a marreta!

Ele já morreu. Câncer. Previsível, dado a fidelidade ao cigarro. Senti muito, mas, ao invés de chorar, sorri. Lembrei de, quando ao adentrar na sala dos engenheiros Rodolfo e Espínola, em pleno inverno, com o aparelho de ar condicionado ligado ao máximo, o grande Décio reclamou:

— Os trogloditas, há milhões de anos, foram morar nas cavernas para fugir da intempérie. Agora, vocês estão colocando a intempérie dentro da sala?

BOM CORAÇÃO

O diretor Orfila sempre foi muito conhecido pela austeridade com que tratava seus subordinados, pela dureza com que negociava contratos e pela perseverança com que perseguia os cronogramas das obras. Por índole, sempre procurou esconder o seu lado afetivo e compreensivo, quase nunca deixando que seu bom coração aflorasse. Poucas vezes, ele se deixou trair, e apenas alguns privilegiados observadores puderam perceber e registrar a escondida bondade.

Lembro de uma reunião muito tensa, em Macaé, quando ele perdeu a paciência e ordenou que determinada operação fosse executada de uma certa maneira, não permitindo nenhuma contestação por parte de qualquer

um dos presentes. Ordenou, levantou-se e saiu da sala.

Mais tarde, no aeroporto, aguardando o avião para retornar ao Rio, chamou-me num canto e perguntou:

— Eu estou enganado, ou você ficou contrariado com a minha decisão?

Respondi que, realmente, eu achava que a decisão não tinha sido a melhor, mas, sendo ele o diretor e tendo a voz de comando, a mim, mesmo constrangido, somente incumbia fazê-la cumprir.

E ele, falando baixinho para não ser ouvido pelos outros, segredou-me:

— Não, meu filho, as coisas não são tão simples. Eu decidi de cabeça quente e foi errado. Faça como você achar melhor. Afinal, eu como diretor apenas vejo a floresta, no máximo consigo ver as árvores. Você, como superintendente operacional é quem vê os frutos e até os bichos das goiabas. Vá em frente e faça do seu jeito, que eu sei que tudo dará certo. Vá...

Quando o seu embarque foi autorizado, na frente de toda a equipe que fora se despedir, ele virou-se para mim e, sem que os outros nada entendessem, de dedo em riste, com o semblante fechado, cheio de dura autoridade, falou em alto e bom som:

— Mas eu vou cobrar os resultados!

SIMPLÓRIA AVALIAÇÃO

As obras do terminal da base de Macaé, que daria o apoio marítimo às plataformas da Bacia de Campos, estavam chegando ao fim. Em uma visita de inspeção, o diretor Orfila, Heitor Estevão – superintendente do SEGEN, Fernando Esberard – chefe do Empreendimento, Ricardo Maranhão – adjunto do Superintendente da Estação de Cabiúnas e Patrício Levy, engenheiro-fiscal da obra, estavam, após percorrer o píer recém-concluído, fazendo uma avaliação positiva do andamento das obras. O trabalho estava bem feito, o acabamento fora esmerado e os prazos estavam sendo cumpridos.

O diretor Orfila, de conhecida postura austera e a quase doentia cobrança pela perfeição, o que normalmente

deixava os seus subordinados tensos, mostrava-se particularmente bastante descontraído e satisfeito com o que vira. A sua atitude, naquele dia, desanuviava o ambiente e acabava com a apreensão que envolvia uma visita como aquela.

Quando já começavam as despedidas, o diretor voltou-se para o engenheiro Patrício Levy - conhecido tanto pela maneira dedicada e competente com que conduzia suas obras, quanto pela maneira simples, quase *naïf*, com que tratava os assuntos mais delicados - e elogiando o seu trabalho, pediu que transmitisse os cumprimentos à firma contratada que realizara os trabalhos.

Patrício sentiu-se na obrigação de ser modesto e respondeu:

— Eu agradeço os elogios e os compartilho com a minha equipe, como também acho justo elogiar a firma contratada, que fez um bom trabalho e sempre nos tratou muito bem. Tão bem que, imagine o senhor, no último Natal me presenteou com uma filmadora japonesa muito mais cara do que o meu salário.

Diante dos olhares apalermados e apreensivos de todos os presentes, exceto do Patrício que nada notou, o diretor surpreendeu a todos: esboçou um leve sorriso, baixou a cabeça e deixou o recinto. Naquele instante, ficou cristalizada a certeza de que ele realmente gostara do trabalho que inspecionara.

METAMORFOSE

Nariz empinado, olhar superior. Estagiário mais arrogante do que aquele ainda estava para ser criado. Desde os primeiros dias na Petrobras, como engenheiro de produção estagiário, em Sergipe, ele se fez conhecido pela empáfia com que minimizava os problemas. Para tudo que lhe mostravam ou ensinavam, ele sempre dizia ter uma solução mais simples, mais criativa e econômica.

Após alguns meses estagiando no escritório, acompanhou um engenheiro sênior designado para realizar testes de produção em um poço pioneiro, perfurado no mar de Alagoas, bem em frente à foz do rio São Francisco. Após uma semana de trabalhos, começava a anoitecer, e a equipe se preparava para o quarto e último teste em um

poço, após a frustrante realização de três outros testes que se revelaram secos.

Sempre presunçoso, o engenheiro estagiário utilizou o rádio e chamou o seu chefe, em Aracaju, pedindo para desembarcar. Pediu, não. Na realidade, exigiu. Justificou a ousadia da exigência, afirmando que não estava mais suportando tanto tédio. Nada acontecia, afirmou, e ele acompanhando testes de poços secos, estava perdendo tempo, uma vez que nada estava aprendendo.

Disse mais, que era jovem e gostava de emoções fortes, queria ver poços jorrando óleo e gás com muita pressão, o que jamais iria ocorrer por ali, como já pudera comprovar naqueles dias embarcado. Iria desembarcar na manhã seguinte, de qualquer maneira, fosse ou não autorizado, afirmou irritado.

Ao sair da sala do rádio para o convés, ele ouviu um estampido, e o caos se formou na sua frente. O poço estava sendo aberto para o teste e, em poucos segundos, a rocha mostrou que continha gás com altíssima pressão. Os cascalhos e a areia arrastados pelo gás, em alta velocidade, passaram a se acumular em uma curva do tubo que ligava a cabeça do poço ao queimador de gás. O acúmulo de fragmentos entupiu o tubo, a pressão subiu e a tubulação não resistiu.

O tubo partido começou a rodopiar totalmente descontrolado, atingindo pessoas e equipamentos. O gás vazado inundou todo o convés da plataforma,

criando uma nuvem altamente tóxica e inflamável que impedia a visão. As pancadas da tubulação contra os equipamentos provocavam faíscas, criando as condições para um incêndio de grandes proporções. O instrutor do estagiário, engenheiro experiente e destemido, correu e fechou a válvula da cabeça do poço, interrompendo o fluxo de gás.

O vento noturno empurrou a nuvem de gás para longe da plataforma, permitindo uma visão completa da situação. O convés da plataforma estava todo ensangüentado, e vários homens ficaram caídos ao chão. Ouviam-se gritos e gemidos. Um plataformista estava com o braço quebrado, outro com fratura exposta na perna, o guindasteiro mostrava a mão esquerda com três dedos decepados, várias pessoas haviam sofrido arranhões e escoriações. Outras estavam intoxicadas pela aspiração do gás.

No meio daquela balburdia, o engenheiro responsável pela operação foi para a sala do rádio pedir socorro médico e, lá chegando, ainda pode ouvir o final da nova conversa radiofônica do estagiário. Pálido, trêmulo e gaguejante, ele falava novamente com o seu chefe:

— É isso, meu chefe, é isso mesmo. O senhor entendeu bem. Eu agora quero desembarcar urgentemente, mas é por outra razão. Eu estava enganado. Eu quero ir embora, porque aqui há emoção demais para um simples, humilde, modesto e inexperiente estagiário como eu.

COBAIA

O dia tinha sido muito calmo, fazendo com que ele, superintendente da RPSE, já muito acostumado com os complexos trabalhos de desenvolvimento da produção na Bacia de Campos, estivesse desconfiado de que alguma novidade estava por acontecer. Ali, nunca um dia era igual ao outro. Nem uma hora era igual à outra.

Com efeito, não sei se por experiência ou por premonição, ao final da tarde a porta da sala foi aberta, e ele percebeu que alguma coisa já estava acontecendo.

Acompanhado por Ivan Paraíba, Bellot e outros jovens, mas competentes, criativos e entusiasmados engenheiros, o mais experiente deles, Marcos Lauria, tomou a palavra:

— Chefe, você quer antecipar a produção de Pampo?

Era óbvio que ele gostaria de antecipar a produção de Pampo. Mas, naquele momento, aquilo parecia uma hipótese totalmente inviável. O SEGEN estava fazendo o *hook-up* dos módulos da plataforma dentro do prazo previsto, o que não era fácil, e, com muito esforço, pretendia terminar as obras no final de janeiro do próximo ano.

Após explicar didaticamente tudo aquilo para o grupo, ele ouviu:

— Mas nós sabemos disto tudo, chefe. O que nós queremos é uma autorização para desenvolver um sistema antecipado de produção, paralelo ao trabalho do SEGEN, sem atrapalhar o cronograma da obra definitiva.

Conhecendo a garra e a capacidade daquele grupo, e já acreditando na possibilidade da ousada proposta, o chefe resolveu provocá-los:

— Tudo bem, tudo bem. Se vocês conseguirem me provar a viabilidade técnica, econômica e, principalmente, a segurança dessa loucura, eu prometo que consigo a autorização do diretor, apesar de saber que teremos problemas com o pessoal do SEGEN. Vão embora e, amanhã, às sete horas, eu quero vocês aqui para me provarem que têm uma boa proposição. Vocês terão a noite toda para treinar a apresentação ou – desafiou-os – desistir da ideia.

Dito e feito. Na hora marcada, todos estavam lá, e a explicação foi convincente. O chefe então falou:

— Ótimo, eu vou comprar a ideia de vocês e vou brigar por ela. Mas vou marcar o prazo da antecipação. Vocês disseram meados de setembro, e eu quero o início da produção em data mais marcante. O início da produção terá que ser no dia sete de setembro.

E o chefe prosseguiu:

— Pelo que eu acabei de ouvir, os materiais e equipamentos necessários já existem nos almoxarifados e somente teremos que repô-los. E as equipes?

— O pessoal de nível médio já está negociado com as plataformas dos Sistemas Antecipados, e a Manutenção complementar as necessidades; quanto a isso não fique preocupado. — foi a resposta.

— E a engenheirada?

— Ora, chefe, seremos nós mesmos e mais o Robert Eisberg.

— Negativo. O Robert eu não posso liberar, não. Ele está comprometido até o pescoço com os painéis do PP Moraes. Engenheiro eletrônico? Por que vocês não levam o André Shutdown, que é tão competente quanto o Robert?

E o Lauria respondeu:

— Não dá, chefe. Nós pensamos muito sobre isso. Tem que ser o Robert. Nos primeiros dias da produção, os

detectores de gás ainda estarão desativados. Em Pampo, nós sabemos, tem muito H₂S associado ao gás produzido. Todo mundo sabe que o gás sulfídrico é mais pesado do que o ar e desce ao nível do chão sem que ninguém perceba. Por isso, escolhemos o Robert. Ele terá uma dupla função. Além de excelente engenheiro, por ser o empregado com a menor estatura da Bacia de Campos, ele funcionará como detector de gás.

— Como assim? — perguntou o chefe com extrema surpresa.

E o Ivan Paraíba completou:

— É, chefe, havendo vazamento de gás, o Robert logo desmaiará, indicando o vazamento. Aí, o enfermeiro irá cuidar dele, e nós correremos para corrigir o defeito.

O Robert fez parte da equipe, e a produção antecipada teve início no dia seis de setembro. Um dia antes da data programada. E o enfermeiro não precisou atuar, graças a Deus!

MEUZE (I)

Quem não conheceu o inspetor de Segurança Meuze, na fase pioneira e romântica da RPNE, perdeu a oportunidade de se deliciar com uma figura ímpar. Extremamente dedicado ao trabalho, ele era exageradamente criativo e falava tudo o que lhe vinha à cabeça. Parecia ter a língua mais rápida do que o cérebro.

Certa vez, ele surpreendeu a todos no acampamento de Carmópolis, defendendo a teoria de que quanto maior fosse a velocidade desenvolvida pelos carros nas estradas, menor seria o risco de acidentes.

— Ora, se as estatísticas mostram que nas estradas ocorrem tantos acidentes por hora, é lícito pensar que, se

nós diminuirmos o tempo de exposição dos nossos carros nas rodovias, iremos diminuir o número de acidentes. E qual a única maneira de reduzirmos o tempo na estrada entre Carmópolis e Aracaju? — perguntou.

E, imediatamente, ele mesmo respondeu:

— Acelerando ao máximo!

MEUZE (III)

A sonda ST-50 havia perfurado um poço no alto de um morro, no campo de Riachuelo e, após um teste de produção, pequeno volume de petróleo foi drenado para o dique. Após alguns dias de muita chuva, o dique encheu, e a camada de petróleo que sobrenadava na água estava ameaçando ultrapassar as paredes do reservatório e escorrer morro abaixo, poluindo, contaminando e destruindo o pasto da vizinhança.

Atendendo à solicitação da Divisão de Perfuração para limpar o dique e evitar o premente perigo de poluição, Meuze, comandando uma equipe de subordinados, dirigiu ele mesmo o caminhão de bombeiros com a sirene ligada no máximo volume,

até chegar ao local. A estrada de acesso ao topo do morro estava extremamente escorregadia, e ele, decidido, estacionou o caminhão no sopé e subiu andando, seguido por sua equipe.

Ao chegar ao dique, deu ordens para que fosse jogada gasolina sobre o petróleo e ateado fogo. Assim, orientava ele, o petróleo queimaria totalmente e o dique ficaria limpo. Quando o petróleo começou a queimar, a água subjacente aqueceu, aumentou de volume e expulsou o petróleo em chamas por sobre as paredes do dique. Como as lavas de um vulcão em erupção, o petróleo ardente desceu morro abaixo, até atingir os pneus do caminhão.

Os pneus se incendiaram, as labaredas cresceram e logo todo o caminhão desapareceu por trás das chamas e da fumaça. O tanque de combustível explodiu e, poucos minutos depois, do veículo só restaram escombros e ferros retorcidos. No outro dia, o engenheiro chefe da Segurança, em Maceió, recebeu um telegrama:

Ao: Dr. Geraldo Silvestre

De: Inspetor Meuze

Assunto: Limpeza de dique

A limpeza do dique foi concluída com êxito. No seu interior, não ficou nenhuma gota de petróleo. Concluímos, informando que, afora a perda total de

um caminhão de combate a incêndio, a operação transcorreu normalmente.

Atenciosamente,

Meuze

Inspetor de Segurança

O COLCHÃO

O engenheiro de Perfuração Edson Boa Morte era um baiano simpático, mas bastante sovina. Solteiro, para evitar despesas com moradia, ele especializou-se em morar nas casas dos colegas que viajavam durante as férias. Argumentava que, além de reduzir os seus gastos pessoais, ainda ajudava os seus hospedeiros, cuidando e protegendo as suas casas contra eventuais furtos.

Assim foi que ele convenceu Sebastião Nunes, também solteiro e morando sozinho, a deixá-lo ficar, por duas semanas, em seu apartamento, enquanto o colega estivesse visitando seus pais em Ponta Grossa, no Paraná. Sebastião era muito católico, sério, não tolerava farras e, dizia-se a boca pequena, preservava-se virgem

até o seu casamento que, um dia, mais cedo ou mais tarde, iria acontecer.

Na véspera da viagem, Sebastião teve uma conversa muito séria com Boa Morte e exigiu que ele tivesse muito cuidado com os seus móveis e plantas. Ao mesmo tempo, disse-lhe para não tocar em nada, principalmente nas suas roupas ou nos seus objetos de uso pessoal. Por último, fez o baiano jurar que nenhuma mulher, nem mesmo a sua mãe, entraria naquele apartamento, na sua ausência.

Alguns meses depois, durante o almoço, no acampamento de Carmópolis, o geólogo Ulrich Barth, provocou:

— Sebastião, você acreditou mesmo que o Boa Morte não levou nenhuma mulher para o seu apartamento?

— Acho que não. Mas eu me preveni. No dia em que cheguei, a primeira providencia que tomei foi virar o colchão da minha cama.

E Barth, fulminante:

— Então vá desvirar ligeirinho, pois o safado do Boa Morte fez a mesma coisa na véspera do seu retorno.

PARÓDIA

(Com a devida autorização de Sérgio TD e Benício Frazão)

O químico Manoel Gonçalves, lotado na RPSE/DIRCRES/SEFLUI, ou, para os menos avisados, na Região de Produção do Sudeste/Divisão de Completação de Poços/Setor de Fluidos, era o responsável pela aquisição dos produtos químicos a serem utilizados nos fluidos de completção.

Na verdade, Manoel especificava os produtos e emitia um PCM (Pedido de Compra de Material) para a Divisão de Suprimento – DISUP. A DISUP efetuava

as cotações e comprava os materiais solicitados por Manoel e tinha como responsável por aquela atividade Ivanir de Souza Drumond, conhecido como Nini. Muitas vezes, Nini pedia ao Manoel para emitir o PATEC (Parecer Técnico) sobre os materiais cotados pelos fornecedores além de, com frequência, solicitar ao mesmo auxílio para verificação dos produtos emitindo PVM's (Pedido de Verificação de Material), quando dos recebimentos.

Praticamente todos os pedidos de produtos químicos acabavam envolvendo os dois personagens: Manoel, como solicitante pelo SEFLUI e o Nini como comprador, pela DISUP. Frequentemente, ocorriam atrasos nas entregas pelos fornecedores, ou até mesmo a falta de alguns produtos. Muitas vezes, chegavam com as especificações diferentes daquelas solicitadas. Tudo aquilo obrigava Manoel a ter que se explicar, perante as demais gerências da DIRCRES e, depois, descarregar suas queixas, esbravejando durante horas, no telefone, xingando o pobre Nini que, com infinita paciência, absorvia bem aqueles destemperos.

Aqueles acontecimentos logo despertaram a veia poética e espirituosa do Antonio Sérgio Santos, o Sérgio TD, na época trabalhando na mesma DIRCRES/SEFLUI que, baseando-se na música *Geni e o Zepelim*, da *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, compôs a genial paródia:

Tá faltando Dicromato

KCl está escasso

Acabou o Dissolvan

Isto tudo está errado

Precisamos de um culpado

De hoje para amanhã

O culpado é o Nini

Dá esporro no Nini

Você pode reclamar

Ele é bom de se punir

Ele ouve qualquer um

Bendito Nini.

Mas coitado logo ele

Isto era segredo dele

Também tinha o seu carrasco

E ao ser advertido

Por um erro no pedido

Ele dominou seu asco

Ele um sonho alimentava

Confiante que chegava

Na DISUP, a chefia

Mas o tempo se passava

E ele antes alcançava

A aposentadoria

E eram tantos os PCMs

Os PATECs, PVMs

Mas ele ia insistir

Ele é o bode expiatório

E é por isso que o escritório

Vive sempre a repetir

O culpado é o Nini

Dá esporro no Nini

Você pode reclamar

Ele é bom de se punir

Ele ouve qualquer um

Bendito Nini.

MUITO PIOR

Nos idos de 1977, o engenheiro José Marques Moreira Filho, recém-transferido de Aracaju para Vitória-ES, submeteu-se ao exame de saúde anual, conhecido como exame periódico, exigido pela Petrobras para todos os seus empregados. José Marques, baixinho e franzino, fez todos os exames e, por último, compareceu ao exame coronariano na esteira ergométrica.

Sempre organizado, ele se apresentou ao médico impecavelmente vestido, tal qual um atleta vaidoso. Tênis e meias brancos, imaculadamente limpos, calção azul e camiseta sem mangas enfiada por dentro do calção, mais esticada do que as camisas do Faustão no

seu programa dominical. Os poucos fios de cabelos que lhe restavam estavam cuidadosamente penteados.

Antes de atender a ordem do médico para subir na esteira, pediu licença para fazer um breve alongamento, por não ser recomendável fazer esforços com a musculatura fria. Isso ele explicou, detalhadamente, ao doutor.

Iniciado o exame, já na segunda velocidade, o nosso atleta-paciente, quase sem conseguir respirar, pálido, com os olhos esbugalhados, pediu para parar:

— Doutor, eu não aguento mais. O ar que respiro parece que está saindo da exaustão de uma caldeira, e as minhas panturrilhas estão com câimbras insuportáveis.

O médico parou a engenhoca e, após deixar o paciente em repouso, por longos minutos, perguntou:

— E então, agora que a sua cor já voltou ao normal e a pressão está equilibrada, já está se sentindo melhor?

— Estou, estou. Eu acho que o senhor me viu vestido assim e pensou que eu fosse um desportista. Daí deve ter exagerado na velocidade da esteira.

— Não, meu amigo, retrucou o médico. Eu usei as duas menores velocidades possíveis. O senhor é que está com um preparo físico lastimável. Eu sinto muito dizer, mas, ou o senhor para de fumar imediatamente, ou vai viver muito pouco tempo.

Novamente pálido, o nosso herói, balbuciando, retrucou baixinho:

— Mas eu nunca fumei.

— Verdade?

— Verdade. Eu nunca coloquei um cigarro na minha boca, doutor.

— Então, meu caro, desculpe a expressão, mas o senhor está é fodido!

DEVEDOR

Naquele tempo, não existia a política de terceirização, e a Petrobras fazia quase todas as suas operações utilizando pessoal próprio, empregados da empresa.

Na RPNE, os testes de formação, em poços abertos ou revestidos, eram todos realizados por equipe especializada, lotada na Divisão Regional de Perfuração e formada por antigos e experientes sondadores.

Tanto a Geologia, bem como a Produção, requisitavam os serviços daquela equipe, sempre que necessário. De modo geral, os testes realizados tinham resultados conclusivos, e o conceito do pessoal era muito bom, com uma única exceção. Nunca se soube se por azar, desleixo

ou incompetência, mas a maioria dos testes realizados pelo operador Branco tinham que ser repetidos.

Ora era o relógio do instrumento testador que parava de funcionar, ora era o *packer* que não vedava, e, algumas vezes, o estilete não registrava as pressões nas cartas metalizadas. Talvez isso explique porque, quando ele entrou na sala da Completação, quase chorando, anunciando a sua aposentadoria e despedindo-se de todos, Décio Roscoe não resistiu:

— É, Branco, você está entrando para a história.

— É mesmo? Por quê?

E Décio, fulminante:

— Porque, com certeza, você é o primeiro brasileiro que vai se aposentar devendo 35 anos de serviço.

SUPERAÇÃO

Em reunião de coordenação anual do DEPRO, o inteligentíssimo e competente Nelson Saback Velloso, fazendo jus à sua fama de desligado e depois de, em entusiasmada exposição, (chegar a) propor a divisão de uma esfera em três hemisférios, superou-se quando, no meio de acirrada e descoordenada discussão, exigiu silêncio e tascou:

— Calma, gente, vamos parar com esta discussão! Eu tenho uma dúvida que vai esclarecer tudo, de uma vez por todas.

CRISTANDADE

E tem a história, quase piada, mas que Luigi Dallolio, então chefe do SERMAT - Serviço de Materiais, por mais de uma vez me jurou ser verdadeira.

Aquele velho político, recém-designado para o cargo de diretor e ainda bem pouco familiarizado com a linguagem cotidiana da empresa, chamou o Dallolio ao seu gabinete:

— Dr. Dallolio, eu sei que este assunto não é da minha área específica, mas como aqui a Diretoria é colegiada, eu terei que votar na sua proposição. Por isso, meu filho, foi que eu o chamei aqui. Eu queria lhe pedir para tirar este assunto da pauta da próxima reunião. Eu também sou

cristão e acho que existem datas para serem respeitadas e reverenciadas, mas aceite a minha opinião, a opinião de um velho bem vivido. Eu não quero que você fique desgastado. Eu quero preservá-lo.

Dallolio acompanhava o discurso sem entender patavina. E o diretor finalizou:

— Eu estou falando porque prevejo que a Diretoria não irá aprovar esta compra agora. Está muito cedo. Veja que estamos em junho e, por mais prevenido que você seja, ainda há muito tempo para comprar essas árvores de natal para a Bacia de Campos. O Natal será em 25 de dezembro. Haverá muito tempo, meu jovem, muito tempo...

AFOGAMENTO

Quando aquele jovem plataformista, recém-admitido, chegou em casa muito cansado, depois de exaustivo trabalho de completação de um poço pioneiro no campo de Fazenda Cedro, no Espírito Santo, falou para a mulher:

— Agora vou tomar um banho e dormir. Não quero ser acordado, nem que seja chamado pelo presidente da República.

— Você está certo, meu bem, precisa descansar mesmo. Pode ir dormir sossegado que, se alguém telefonar, eu inventarei uma boa desculpa.

No dia seguinte, logo cedo, o plataformista chegou à sonda e, ao encontrar o seu chefe, escutou:

— Meu rapaz, eu estou preocupado. Acho que você ainda vai morrer afogado. Ontem à noite, eu fiz quatro ligações para sua casa e, em todas as vezes, a sua mulher disse que você estava tomando banho.

PONTO DE VISTA (II)

Em plena faina do desenvolvimento do campo de Siririzinho, em Sergipe, o pessoal que trabalhava na atividade de completção de poços não conseguia folgar. Com cerca de meia dúzia de sondas perfurando rapidamente os poços e outras tantas de sondas de completção trabalhando simultaneamente, o pessoal quase não tinha tempo de voltar para casa, em Aracaju.

Muitas vezes, tinham que dormir no alojamento, algumas vezes nos *trailers* das sondas e, com alguma frequência, utilizavam o banco traseiro dos fusquinhas como camas. Era comum encontrar pessoas com mais de dois meses de folgas acumuladas.

Por isso, quando o desenvolvimento do campo estava praticamente terminado, o engenheiro Décio Roscoe convocou todo o pessoal da Completação e informou que, com a redução drástica das atividades, era chegada a hora de todos se programarem para gozarem as suas folgas acumuladas. Quando ele estava terminando a sua fala, foi interrompido pelo engenheiro Paulo Espínola.

— Décio, eu acho que não estou entendendo direito. Você está querendo que nós tiremos todas as nossas folgas agora? É isso mesmo?

— É. Vamos aproveitar o alívio nos trabalhos para zerar as folgas acumuladas. Será que estou falando grego ou há algum problema que eu não estou enxergando?

— Problema eu não sei se é, mas que é uma tremenda sacanagem, eu não tenho dúvida. — emendou o Paulo.

— Como assim? Explique melhor, por favor. — pediu o Décio.

— Ora, nós ficamos meses nos lascando no trabalho, quase sem dormir direito, ficando dias e dias sem poder tomar um banho ou trocar de roupa, sem poder ver a família e ninguém nos deixava folgar. Agora, justamente agora, que o serviço acabou, o trabalho vai virar moleza, agora, justo agora, quando não tem porra nenhuma pra fazer, você quer que gozemos as nossas folgas? Eu, hein!!!

BARREIRA

— Suetônio, corra. Venha ajudar na barreira, rápido. Deixe de moleza, homem. Vê se esse físico serve pra alguma coisa! — gritava Marques Neto, superintendente e zagueiro central do time dos engenheiros da RPNE.

Suetônio, engenheiro de perfuração, pernambucano malcriado, com físico mais para lutador de sumô do que para centro-avante, reagiu imediatamente com incontida indignação:

— Barreira, porra nenhuma. Não vou. Ora, eu passo o jogo todo correndo pra lá e pra cá, e ninguém me passa uma bola. É só bola pra Cajueiro, bola pro Geraldo Silvestre, bola pro Espínola, bola pro Alfeu. Pra mim,

nada. Agora, na hora de ficar na barreira levando bolada na cara, eu sou útil. Não, Marques, você é meu chefe no trabalho, mas aqui não. Aqui nós somos iguais. Você já me chamou pra bater um pênalti? Já me deixou bater uma falta perto da área? Não, nunca. Então, pra ficar na barreira, vai você. Eu não vou nem que a vaca tussa!

PERCEPÇÃO

O engenheiro Adilson sofreu um forte colapso nervoso e teve que ser internado. Ao saber da notícia, o seu chefe Reinaldo Belotti, se lamentou:

— Eu tenho alguma culpa nisso, eu deveria ter percebido esse caso. Deveria ter dado um trabalho de menor responsabilidade para ele.

— Que é isso, Belotti, como você poderia adivinhar?

— Tava na cara. Ele não era casado?

— Era. E daí?

— Ele não se separou há uns dois anos? — perguntou Belotti.

— Foi. Ele se separou. — respondeu o colega.

— E ele não casou novamente no mês passado?

— Casou. Estava tentando refazer a vida, ora!

— Mas casou com quem? — Belotti continuava o interrogatório.

— Com a ex-mulher, se estou bem informado.

— Está bem informado, sim. Casou com a mesma mulher. Foi aí que eu errei. Percebeu agora? Ou você acha que um sujeito normal casa duas vezes com a mesma mulher?

— completou Belotti, ainda mais preocupado.

QUESTÃO DE CLASSE

Acompanhando Osires Silva em viagem pela Europa, ele recém-empossado presidente da Petrobras, os superintendentes do DEPRO, DEPEX e DEPER foram dispensados de uma reunião na Interbras, em Rotterdam, e resolveram voltar de trem para Haia, onde a comitiva estava hospedada.

Decisão tomada, os três foram para a estação ferroviária, ali chegando poucos instantes antes da partida. Com muita correria, compraram as passagens e entraram no trem, respirando aliviados por terem conseguido embarcar.

Poucos minutos após a partida, apareceu um fiscal pedindo e verificando as passagens de todas as pessoas. Ao receber os bilhetes dos três executivos, o fiscal ficou vermelho, levantou a voz esbravejando em um holandês ininteligível para o mortal comum e agitou as passagens, quase atingindo os rostos dos brasileiros apalermados.

Em inglês, os três tentavam saber o que havia de errado, e a resposta foi uma série de grunhidos, seguidos pelo lançamento das passagens ao chão. Feito isso, o fiscal se dirigiu para outro vagão, gesticulando, de modo a não deixar dúvidas da sua profunda irritação. Uma senhora, então, falou em inglês:

— Os senhores não entenderam nada do que o fiscal disse, não foi?

— É verdade, não entendemos nada.

— O problema é que os senhores estão com bilhetes de primeira classe.

— Sim, e daí, pagamos mais caro. Qual é a razão para tanta celeuma?

— É que vocês estão no vagão errado. Este é da segunda classe!

— Ahhhh!

O BRINDE

Em Macaé, o engenheiro Roberto Jardim chefiava a produção da Bacia de Campos, quando foi procurado pelo químico Manoel Gonçalves.

— Chefia, na semana passada eu me aborreci com o fornecedor de desemulssificante, produto usado para ajudar a separar a água produzida junto com o petróleo. Reclamei da má qualidade do produto, e ele não gostou, nós nos alteramos, ambos, eu chamei a segurança, mandei retirá-lo das nossas instalações e o proibi de entrar aqui novamente.

— Manoel, você errou. Só quem tem autoridade para proibir a entrada de alguém aqui é o superintendente

ou seus adjuntos. Mas fez, tá feito. Vou lhe dar suporte, respondeu Jardim.

— Obrigado chefia, mas tem outro problema. O senhor conhece esses rádios-relógio de cabeceira que estão sendo lançados agora no mercado? Esses que estão se tornando objetos de desejo para o próximo Natal? Pois bem, hoje, na hora do almoço, o cara mandou entregar um na minha casa, acompanhado de um cartão pedindo desculpas pela discussão e ofertando o rádio como brinde. É claro que eu não vou aceitar, é um desaforo. Vou devolver o tal brinde, mas queria que o senhor soubesse.

— Não, Manoel, você não vai devolver nada. Você vai ficar com esse rádio, sim! E sem remorsos. Deixe o endereço dessa firma e o nome do pilantra com a minha secretária. Vou fazer uma carta.

No outro dia, Manoel recebeu uma cópia da carta:

Macaé, 2 de dezembro de 1983

Prezado Senhor

Confirmo o recebimento do rádio-relógio enviado para a residência do químico Manoel Gonçalves, pelo qual ficaremos eternamente agradecidos.

Aproveitamos o ensejo para reiterar a proibição de vossa entrada nas instalações da Petrobras, em Macaé, agora em caráter permanente e definitivo.

Atenciosamente

Roberto Gomes Jardim

superintendente- adjunto de Produção da RPSE

c/cópia: Químico Manoel Gonçalves

DISCRIMINAÇÃO

E aquele político nordestino, recém-nomeado diretor da Petrobras, foi indicado para substituir o diretor Wagner Freire, que ficaria na Noruega durante alguns dias com a tarefa de implantar a Petrobras-Norge, subsidiária da Braspetro. E já no primeiro dia, ele convocou os superintendentes-gerais da Exploração, Perfuração e Produção.

Os três ficaram na sala de reuniões e, após alguns instantes, o diretor adentrou ao recinto, risonho e afável.

— E aí, meus amigos, quero que me familiarizem com as suas áreas de atuação!

Milton Franke, responsável pela geologia, falou das recentes descobertas e das perspectivas futuras. Fixou-se na Bacia de Campos e discorreu longamente sobre a geologia daquela região. Em seguida, eu discorri sobre os sucessivos recordes de produção, enfatizando sempre a importância da Bacia de Campos naqueles resultados.

Por último, Hélio Falcão deu uma aula de perfuração de poços. Estava apresentando gráficos que mostravam o enorme sucesso, conseguindo números de metros/sonda/dia jamais alcançados, na perfuração dos poços do Polo Nordeste. Tão logo o diretor escutou aquilo, interrompeu o Falcão.

— Meu filho, pode parar. Estou satisfeito com o seu trabalho. Os seus colegas só falaram da Bacia de Campos, como se o resto do Brasil não existisse. Isso tem que acabar! A Petrobras não pode ter preconceito com o nordeste. Parabéns, Dr. Falcão. Pelo menos a sua equipe está perfurando poços e conseguindo ótimos resultados. E aonde? No nordeste, mostrando que aquela é uma região viável, basta ter boa vontade. Agora podem ir, que eu vou reportar ao Wagner a minha indignação com essa preferência pela Bacia de Campo. Podem ir, podem ir.

Do lado de fora da sala, os três superintendentes se entreolharam e, rindo, ficaram se perguntando quem teria coragem de explicar ao diretor noviço que o Polo

Nordeste, citado pelo Falcão, estava situado no nordeste, sim, mas no nordeste da tal Bacia de Campos.

CONSTATAÇÃO

Em qualquer palestra, em qualquer apresentação, em qualquer unidade da Petrobras, sempre se fazia referência à enorme preocupação com a segurança das instalações e, principalmente, com a segurança dos empregados.

Cartazes e *folders* eram vistos em todos os lugares, paredes e murais. Revistas e jornais internos sempre enfatizavam a segurança. *Slogans* eram criados e divulgados por toda parte.

Talvez por isso, em reunião no auditório do EDISE, para a empresa se adaptar aos limites orçamentários definidos pelo Governo Federal, o SERPLAN -Serviço de Planejamento - anunciou que o orçamento da DESEMA-

SEGURANÇA E MEIO AMBIENTE sofrera um corte profundo, escutou-se uma voz baixinha, vinda do fundo do auditório:

— É, nesta empresa a segurança está sempre relegada ao primeiro plano!

SOLIDARIEDADE?

Tão logo Fernando Collor tomou posse na Presidência da República, o Diário Oficial publicou o ato de exoneração de todos os diretores da Petrobras, exceto o do almirante Maximiano da Fonseca.

Imediatamente, o Comandante Paiva, assistente do diretor remanescente, sempre muito educado e polido, correu a visitar os gabinetes dos exonerados para, conforme dizia, prestar solidariedade e apoio. No primeiro gabinete visitado, ele abraçou o já ex-diretor, naturalmente constrangido com a perda do cargo, e iniciou o discurso bem intencionado, mas pessimamente proferido.

— Meu caro, não fique triste ou aborrecido. Você não está saindo por incompetência ou improbidade. Você está saindo por injunções políticas, naturais em todas as trocas de governo. Agora, fique ciente de que pode contar comigo, agora e sempre, até porque – aprendi com a minha santa mãezinha - não se deve bater em cachorro morto.

MAU NEGÓCIO

Nos anos 80, grassou na RPNE uma campanha voltada para melhorar a saúde dos empregados e, naturalmente, as medidas preventivas para os males foram muito enfatizadas. Uma noite, estava o dr. Orlando Pinto, chefe do Setor Médico da Região, proferindo uma palestra e explicando as vantagens de exercícios aeróbicos na prevenção das doenças.

Lá pelas tantas, afirmou que uma simples caminhada de uma hora por dia era suficiente para aumentar em cerca de três anos a expectativa de vida de qualquer pessoa. Ao ouvir aquilo, o engenheiro Carlos Eugênio Barbosa, perguntou:

— Mas, dr. Orlando, em que etapa da vida seriam adicionados esses três anos?

— Claro que no final da vida, meu caro Eugênio. Por exemplo, se você fosse morrer com 70 anos, teria uma grande chance de ir até os 73. Caso fosse 80, poderia chegar aos 83, entendeu?

— Entendi e não gostei. Tô fora! Eu agora tenho 40 anos, se o senhor me garantisse que esses três adicionais fossem incorporados a minha vida antes dos 50, vá lá 55, tudo bem. Mas no fim da vida? Já velho e decadente? Não, não vale a pena. Não é bom negócio. Ficarei com o meu sedentarismo menos longo, mas bastante prazeroso.

CASELLIANAS

Celebrado por seu vasto conhecimento de Engenharia de Reservatórios, Humberto Caselli também ficou famoso por frases truncadas ou confusas.

Jamais vou esquecer de quando ele, tentando convencer Walter Formosinho a aprovar a perfuração de um poço de extensão em determinado campo da Bahia, lascou:

— Formosinho, furar esse poço vai ser o mesmo que pôr óleo no bolso!

Ou, de outra feita, irritado com algumas decisões tomadas pelo pessoal da Exploração, que, em sua opinião, iriam atrasar o início da produção do campo de Lagoa Parda, lamentou-se em voz alta:

— Assim não dá, é sempre a mesma coisa! Por mais que se fale, é sempre a gente ferrando eles. E eles na gente, nada?

ERA O OUTRO

Na década de 80, a promoção dos empregados para o Grupo IV seguia um rígido ritual. Após calculadas as vagas disponíveis, cada Departamento ou Serviço da Petrobras elaborava uma lista com seus indicados, deixando uma vaga para a escolha pessoal do diretor da área.

Em um determinado ano, Maurício Alvarenga, então superintendente do DEPRO, encaminhou sua lista com os vinte e poucos candidatos, em ordem de prioridade para a promoção, mesmo sabendo que o número de vagas para o seu Departamento era de apenas dez. Após a reunião da Diretoria, o diretor Orfila telefonou, informando:

— Maurício, eu usei a minha vaga pra corrigir um erro. Você me perdoe, mas deixar o Newton, da Bahia, de fora, seria uma injustiça muito grande. Você lembra quando da nossa última visita àquela Unidade, ele fez uma exposição brilhante e formulou várias sugestões para aumentar a produção no Recôncavo? Como você pôde deixar ele fora da sua lista dos dez primeiros indicados? Por sorte, eu tinha aquela vaga e promovi o Newton. Pode ligar para ele e dar a boa notícia.

Maurício nunca fez aquela ligação. O Newton da RPBA, na verdade Newton Figueiredo, já era do grupo IV há muitos anos. O promovido foi um outro Newton, também muito competente. E com muita sorte!

DONA DE CASA

E aquela senhora que renunciou a possibilidade de cursar faculdade para poder acompanhar o marido, durante anos e anos, em suas constantes transferências entre as várias Regiões de Produção, atendendo as obrigações profissionais, foi questionada por uma jovem recém-casada com um geólogo, moderninha, daquelas que colocam a sua vida profissional à frente da matrimonial:

— E a senhora, com tantos anos de convivência com o mundo do petróleo, ainda trabalha fora?

— Não, minha filha, eu nunca trabalhei fora.

— Como assim? A senhora não trabalha fora? Arregalou

os olhos a mocinha.

— Não, minha filha, eu sempre trabalhei dentro.

— Ahhhh??!!!!

OPINIÃO

O engenheiro Décio Roscoe foi escalado para entrevistar e recrutar engenheiros que estavam concluindo o curso de Engenharia de Petróleo, no SEN-BA, para trabalhar na Produção, em Sergipe. Ao concluir sua palestra sobre as atividades na RPNE, um dos formandos pediu a palavra e disse estar com uma dúvida muito grande: seguir a carreira de engenheiro de Produção ou de Perfuração. E pediu a opinião do palestrante-recrutador.

Sempre muito sincero e objetivo, não seria naquela hora que Décio perderia a sua autenticidade.

— Meu jovem, é muito justa e inteligível esta sua dúvida. Eu também já a tive e, por isso, fico a cavaleiro

para dar a minha opinião. Se você quiser ter um trabalho desafiante, com constante desenvolvimento tecnológico, que faz o que funciona hoje ser obsoleto amanhã, fique na Produção. Por outro lado, se você se contentar em apenas “soltar peso e girar tubos para a direita”, fique com a Perfuração. No caso de você gostar de resolver problemas inusitados e pensar em inovações, fique na Produção. Mas, se você achar que as marretas são as ferramentas racionais em um campo de petróleo, escolha a Perfuração. A decisão é sua, somente sua. Do mesmo modo que essa opinião é minha e totalmente minha.

TUDO OU NADA

Famoso por sua intolerância com a burrice e cuidadoso com o treinamento dos seus comandados, o engenheiro de Minas Carlos Walter, então chefe do DEPEX, encontrou um geólogo que voltava de uma palestra de sedimentologia, proferida por eminente especialista americano.

— E aí, meu jovem, gostou da palestra?

— Claro, dr. Carlos Walter, pena que foi em inglês, e eu não pude entender tudo.

— Como? Você não entendeu tudo?

— Entendi umas partes e outras não. — disse o

jovem geólogo.

— Ah, então você está que entendeu que o gringo, é mesmo?

— Agora não entendi nada do que o senhor disse. O senhor pode repetir?

— E também da palestra você não entendeu porra nenhuma. Ou você entende a frase inteira ou não entende nada. Não existe esse negócio de “entendi uma parte”. Ou é tudo ou é nada! — esbravejou Carlos Walter, finalizando a conversa.

TUDO IGUAL

Mindulfo Ueta, nissei nascido e criado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, virou engenheiro e foi trabalhar em completção de poços, na Bacia de Campos, onde desenvolveu brilhante carreira. Ainda estagiário, aproveitou umas folgas e foi rever a família.

Pouco antes de viajar, procurou o seu chefe, Mozart da Costa Freitas, e entregou um número de telefone.

– Caso haja alguma necessidade de interromper minhas folgas, Mozart, não hesite. Pode me telefonar, que eu voltarei correndo.

Alguns dias depois, Mozart precisou desembarcar um engenheiro e, como não havia nenhum outro disponível,

resolveu chamar o Ueta. Pegou o telefone, discou o número e escutou alguém na linha:

— Hum, hum...

— Alô, aqui é Mozart, da Petrobras, eu queria falar com Ueta.

— Hum, fale mais alto que tou veinha e num escuto bem...

— Ueta, eu quero falar com Ueta?

— Com quem, meu fio?

— Com Ueta - e soletrou - U-E-T-A!

— Aqui nessa casa, meu fio, é tudo Ueta, tudo Ueta...

NÃO FEZ FALTA

No final dos anos 80, um determinado general foi designado diretor da Petrobras. Em pouco tempo, o indigitado militar fez tantas lambanças, que logo caiu em desgraça.

Antes de ser demitido, faltou a uma importante reunião com a presença de toda a diretoria e o antigo Grupo I (o qual era composto pelos principais gerentes da Petrobras, de todas as suas áreas da Sede).

Após todos tomarem assento, antes de o então presidente Armando Guedes Coelho abrir os trabalhos, alguns mais atentos puderam ouvir nitidamente quando, em voz baixa, Celso Barreto, advogado-chefe do Serviço

Jurídico, fulminou:

— É, a ausência do general está preenchendo uma grande lacuna.

CASAMENTO?!!!!

Quando da celebração dos vinte e cinco anos de Carmópolis, em Sergipe, em meio às inúmeras solenidades programadas, o então superintendente-geral do DEPRO, entusiasmado e em inflamado discurso, lembrou que fora ali que ele iniciara a sua carreira, e blá, blá, blá...

E encerrou sua explanação, dizendo estar supremamente honrado em presidir o evento comemorativo das bodas de prata da produção daquele campo de petróleo.

INVERSÃO

Maio de 1991. Programa Jô Soares Onze e Meia.

Durante a longa entrevista, depois de defender o monopólio e elogiar a Petrobras, o seu então presidente afirmou que o principal fator de sucesso da companhia, além da excepcional qualidade dos seus empregados, era o fato de ela ser uma empresa totalmente integrada.

Mostrou que a Petrobras exercia desde as atividades de sísmica exploratória, passando por produção, transporte e refino, até a comercialização final dos derivados de petróleo.

Concluiu, fixando o olhar na câmera, cheio de orgulho e

invertendo o fluxo do petróleo:

— Ou seja, uma companhia completamente integrada,
do posto ao poço.

YO NO CREO EM BRUJARIAS, PERO...

Durante o segundo semestre de 1977, com o badalado início da produção de petróleo, eram constantes as visitas às plataformas da Bacia de Campos, algumas técnicas, outras administrativas e muitas de caráter político ou turístico. Dentre aquelas que classificamos como administrativa, houve uma composta pelo presidente general Araken de Oliveira, pelo diretor José Marques e pelo dr. Carlos Walter, superintendente do DEXPRO, que era meu chefe imediato, posto que à época eu estava superintendente da Região.

Saindo do aeroporto de Campos, de helicóptero, sobrevoamos a área e visitamos o navio-sonda Petrobras

II. Dali, fomos até a grande atração, a plataforma SS-6 que, situada sobre o poço EN-3-D, processava 10 mil barris por dia, o que, na época, vindo de um único poço, era o recorde nacional. A orientação vigente, no intuito de fazer um acervo para a posteridade, era fotografar todos os grupos visitantes. Daquela vez, não foi diferente, e uma fotografia minha com os três importantes visitantes registrou aquele momento.

Orgulhoso, coloquei aquela fotografia sobre a minha mesa, no escritório, em Macaé. Um dia, ao chegar do almoço, entrei na minha sala e encontrei dona Zezinha, que trabalhava na limpeza do escritório, olhando a tal fotografia. Depois de muito tempo, ela levantou os olhos e perguntou:

— Doutor, quem são esses aqui nesta foto?

Após lhe explicar quem eram os três personagens e o que faziam, quais as suas responsabilidades etc., etc., etc. ... ela fechou os olhos e disse:

— Então, doutor, são estes três que nós teremos que derrubar para o senhor ser o presidente da Petrobras?

Rindo de ela ter falado na primeira pessoa do plural, eu respondi que sim, que teoricamente ela estava certa, mas era melhor esquecer aquilo, porque jamais isso iria ocorrer. Eu era apenas um técnico, um engenheiro e não tinha nenhuma influência política para almejar o maior cargo da companhia, além do que eu não tinha a menor

intenção ou desejo de ser presidente.

Eu gostava muito do que fazia e me sentia plenamente realizado. Eu acabei de falar e fiquei me perguntando por que eu me estendera tanto, por que dera tantas explicações a uma simples faxineira, quando ela interrompeu meus pensamentos.

— Isto é o que o senhor pensa. Eu sei que não sou mais nenhuma menina, mas também sei que, antes de morrer, eu vou ver o senhor como presidente. Ela assim disse, olhando firmemente para os meus olhos. Voltou-se e saiu da sala. Senti um leve arrepio.

Como poucos dias depois ela pediu demissão, o acontecido foi fugindo da minha mente, até o completo esquecimento.

O tempo passou rápido...

Quase duas dezenas de anos depois. EDISE – Edifício-Sede, 24º andar. Recém-empossado como presidente da Petrobras, eu estava sendo cumprimentado por colegas, políticos, empresários, parentes e amigos e, para satisfação da minha vaidade, a fila parecia não ter fim. O pessoal da segurança estava tendo muito trabalho para manter a fila organizada e evitar a presença de penetras.

Após quase três horas naquele ritual, a vaidade se deixou vencer pelo cansaço e eu, quase em letargia, passei a agradecer mecanicamente aos cumprimentos, sem nem ao menos prestar atenção às pessoas.

De repente, fui despertado por um pequeno alarido. No meio daqueles senhores engravatados, uma senhora de idade avançada driblou o pessoal da segurança, furou a fila e parou na minha frente. Vestida com simplicidade, quase maltrapilha, ela apertou a minha mão estendida e fixou o olhar dentro dos meus olhos.

Senti um forte arrepio e a reconheci. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela já foi se afastando e falou:

— Eu não disse que nós íamos chegar à Presidência?

Tentei segurá-la, mas, naquele ambiente tumultuado, não consegui fazê-lo. Já outras mãos estavam estendidas para os cumprimentos.

Nunca mais a vi.



Qualquer profissional sabe que o cotidiano reserva surpresas, brincadeiras, trotes e situações inesperadas que merecem ser sempre lembrados. Muita risada por conta de frases mal formuladas e, eventualmente, até o choro de alegria em um momento de relativo estresse.

Alfeu Valença, um dos mais brilhantes e experientes profissionais da área de energia no Brasil, acompanhou de perto o desbravamento dos principais campos de petróleo pela Petrobras, convivendo com outros profissionais que fizeram a história da Exploração e Produção no país.

Neste seu sétimo (três infantis) livro, Alfeu não vem falar de história, mas sim de causos que merecem ser resgatados como parte de um universo de acontecimentos curiosos que, segundo ele mesmo, foram vividos, ouvidos e entreouvidos. Que fique o estímulo para que muitos dos seus ex-colegas trilhem o mesmo caminho e registrem causos como esses para a posteridade.

ndm
E d i t o r a

ISBN 978-85-98877-07-5



9 788598 877075